

Rumo a uma Psicologia Social Comportamentalista Radical¹

(Towards a Radical Behaviorist Social Psychology)

Cândido Rocha Flores Júnior^{*,2}, Carolina Laurenti^{**}, Aécio Borba^{*,***} e
Emmanuel Zagury Tourinho^{*}

^{*}Universidade Federal do Pará

^{**}Universidade Estadual de Maringá

(Brasil)

^{***}University of North Texas

(United States)

Resumo

O objetivo deste estudo reflexivo é oferecer contribuições teóricas para a construção de uma psicologia social comportamentalista radical. O escopo deste campo de pesquisa e ação estaria na mediação entre os fenômenos comportamentais individuais e a vida social em suas dimensões sócio-históricas, o que estabelece a relação entre conhecimentos particulares e universais como um problema teórico fundamental. A relação entre o conhecimento universalizado a respeito dos fenômenos comportamentais e as dimensões particulares das realidades sócio-históricas (para além das realidades individuais) favorece o compromisso com as necessidades próprias da população local e com a contribuição à ciência do comportamento como um todo, a partir de nossa diversidade e de nossas especificidades. Dessa interpretação teórica, derivamos algumas direções gerais: a meta-análise crítica permitida por uma psicologia social do comportamento científico; a investigação sobre a formação social da subjetividade; e a aproximação aos estudos sociais latino-

1 A pesquisa contou com o financiamento por meio da bolsa de mestrado CAPES (código de financiamento 001) e da bolsa de doutorado CNPq (processo 165674/2021-0) do primeiro autor, bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo No. 307607/2021-6) do quarto autor e também do projeto aprovado no Edital Universal 2021 da segunda autora (Processo no 423361/2021-0).

2 Endereço para correspondência: Cândido Rocha Flores Júnior. Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento - NTPC Universidade Federal do Pará - UFPA Rua Augusto Corrêa n° 1, Bairro: Guamá CEP: 66075-110 Belém/PA. jrochaflores@gmail.com

americanos; e o uso de métodos de pesquisa e ação social em contextos diversos. O caminho é favorável a um maior envolvimento do comportamentalismo radical no debate político, por meio do tratamento a questões sociais concretas do cotidiano com foco em aspectos pertencentes ao campo de estudos da psicologia.

Palavras-chave: análise do comportamento, psicologia social, política, sociedade, autonomia intelectual

Abstract

We situate our proposal as part of a collective itinerary aimed at contributing to the construction of a radical behaviorist social psychology as a political-scientific project within Brazilian behavior analysis. The objective of this reflective study is to offer theoretical contributions to the development of a radical behaviorist social psychology. Our proposal involves a dialogue between behavior analysis and the Latin American tradition of social psychology, defining the scope of the proposal as mediating between individual behavioral phenomena and social life in its historical and political dimensions. This project is framed by five central ideas: (1) behavior analysts are interested in a political engagement of behavior science (2) knowledge production in the Brazilian (or Latin American and Caribbean) context presents its own challenges; (3) a proper political engagement of behavior science requires discussion of its scientific project; (4) a politically engaged and intellectually autonomous Brazilian behavior science depends on a specific field of study and action, which we can understand as social psychology; and (5) a radical behaviorist social psychology is still a developing project. The relationship between particular and universal dimensions of knowledge is presented as a fundamental theoretical problem. This issue involves political and epistemological consequences concerning how general knowledge of behavioral phenomena relates to the socio-historical realities from which it arises and to which it informs interventions. By addressing the relationship between knowledge of individual behavior and societal and cultural phenomena, this approach would be characterized as a frontier science, dealing with the interface between different disciplines, dimensions of knowledge, and objects of analysis. From the proposed theoretical frameworks, we derive suggestions for research and action pathways. These directions involve investigations aimed at scientific behavior, promoting a contextualized view of knowledge production; emphasizing the social construction of subjectivity as a theme guiding our understanding of social subjects in a historically situated manner; seeking interfaces with available knowledge about Latin American realities and particularities; and employing social research methods to address behavior in diverse contexts. As part of the comprehensive project of a science of behavior, this field offers an opportunity for a critical assessment of the effectiveness of our knowledge within our reality. We believe this approach will not only promote greater involvement of radical behaviorism in political debate but also provide a practical framework for addressing concrete social issues of everyday life, with a focus on aspects pertinent to psychology.

Keywords: behavior analysis, social psychology, politics, society, intellectual autonomy

A interlocução entre a análise do comportamento e a tradição latino-americana da psicologia social vem recebendo atenção em diferentes publicações nos últimos anos, com a identificação de pontos de contato, bem como de dissensos entre esses diferentes campos (e.g., Abib, 2016; Angelo & Bossoli, 2016; Flores Júnior & Córdova, 2019; Zilio & Gonçalves, 2022). Em especial, são apresentadas compatibilidades em suas concepções de sujeito e distanciamentos em relação às suas tradições metodológicas. Nestes textos, as interlocuções são apresentadas como uma alternativa frente à característica histórica de isolamento da análise do comportamento em relação a outras tradições acadêmicas, bem como à necessidade de um maior foco da ciência do comportamento nos problemas particulares de nossos contextos locais.

A psicologia social diz respeito a um campo com tradições acadêmicas e formulações teóricas diversas, e, por vezes, incompatíveis e antagônicas entre si. Embora não seja viável elaborar uma descrição exaustiva do que se consideraria uma psicologia social em suas diferentes vertentes, algumas tendências gerais são descritas a partir da diferenciação entre uma tradição norte-americana de psicologia social psicológica, com foco em explicações cognitivistas sobre o comportamento de pessoas em grupo; e uma tradição europeia de psicologia social sociológica, focada no funcionamento dos grupos sociais, ou nas interações entre os diferentes grupos (Ferreira, 2010). Por sua vez, a psicologia social latino-americana estabeleceu a tradição de um campo voltado a um compromisso político de enfrentamento aos problemas sociais e societais vividos por suas populações (Lane, 1984/1989; Martín-Baró, 1986/2006).

Situamos nossa proposta como parte de um itinerário coletivo que visa contribuir com a construção de uma psicologia social comportamentalista radical como um projeto político-científico na análise do comportamento brasileira. Nos referimos a um projeto político-científico no sentido de um esforço organizado no qual os objetivos e modos de atuação se voltam tanto ao desenvolvimento do conhecimento científico quanto à ação política em prol de determinadas causas e valores na vida social.

O objetivo deste estudo reflexivo é oferecer contribuições teóricas para a construção de uma psicologia social comportamentalista radical. Nossas formulações reconhecem a diversidade do campo das psicologias sociais, e tratam de um projeto político-científico em específico. Contextualizaremos tal projeto por meio de cinco ideias centrais: 1. analistas do comportamento se interessam por uma inserção política da ciência do comportamento; 2. a produção de conhecimento no contexto brasileiro (ou latino-americano e caribenho, em geral) traz desafios próprios; 3. uma inserção política adequada da ciência do comportamento exige o debate sobre o seu projeto científico; 4. uma ciência do comportamento própria depende de um campo específico de estudo e ação, o qual podemos entender como uma psicologia social; 5. uma psicologia social de base comportamentalista radical ainda é um projeto em construção. Em seguida, apresentaremos a interação entre

os conhecimentos sobre a sociedade e o indivíduo, o particular e o universal como o problema teórico fundamental para este campo. Por fim, faremos a sugestão de algumas direções gerais para orientar este campo de pesquisa e ação. O material aqui apresentado consiste de uma síntese propositiva que resulta da experiência com estudos anteriores a respeito das dimensões sócio-políticas da ciência do comportamento brasileira.

Psicologia Social Comportamentalista Radical Como Projeto Político-Científico

A análise do comportamento se desenvolveu por meio da investigação do comportamento dos organismos fazendo uso do método experimental e da interpretação como formas de analisar as relações entre organismo e ambiente em seus processos mais básicos e irredutíveis (Chiesa, 1994/2006). Esse empreendimento permite a indução de leis gerais do comportamento como princípios universalizáveis aos diversos organismos humanos e não humanos.

Desde o princípio de suas investigações, analistas do comportamento se interessam em usar esse conhecimento para a compreensão e a intervenção em contextos sociais complexos. Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) via a ciência do comportamento como uma ferramenta com potencial de resolução de problemas sociais, e se baseava no conhecimento produzido a respeito do comportamento dos organismos para a interpretação da cultura (e.g., Skinner, 1953/2014, 1971).

A pretensão de trazer o conhecimento geral a respeito dos fenômenos comportamentais às particularidades dos contextos concretos da vida social também incorre em esforços de crítica política à análise do comportamento e de aproximação às pautas de movimentos sociais. Esse caminho encontra exemplos nos Estados Unidos da década de 1970. É o caso do ativismo socialista de James G. Holland (1974), e da fundação da revista *Behaviorists For Social Action Journal* em 1978. O periódico foi apresentado como um projeto de comprometimento com a luta contra as injustiças sociais (Morrow, 1978).

Discussões semelhantes parecem ter se intensificado na análise do comportamento brasileira no período de redemocratização, na década de 1980 (Alves, 2021). Os números iniciais do periódico *Cadernos de Análise do Comportamento* (lançado em 1981) traziam textos com análises críticas a respeito do compromisso político da comunidade científica da área, defendendo aproximações ao campo da psicologia social e compromissos com a transformação social (e.g., Duran, 1983; Luna, 1981/1983; Sandoval, 1982). À época, Celso Pereira de Sá (1941-2016) delineava aproximações entre análise do comportamento, militância política e ciências sociais (Alves, 2021).

Na década de 2010, um novo processo de politização parece ter ganhado destaque na comunidade brasileira de analistas do comportamento. Demandas sociais relacionadas ao debate político e cultural contemporâneo têm repercutido em organizações coletivas. O movimento pode ser exemplificado pela fundação de coletivos político-científicos, como o Coletivo Feminista Marias & Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento, fundado em 2015; o Coletivo

Sociobehavioristas, fundado em 2020 agregando analistas do comportamento anti-capitalistas; e o Coletivo Vale da Análise do Comportamento, fundado em 2022 e voltado à diversidade sexual e de gênero.

Um movimento atual de politização também pode ser observado a partir das publicações analítico-comportamentais nacionais. Tais mudanças têm envolvido discussões críticas a respeito do histórico de distanciamento da análise do comportamento em relação ao debate político, como nas pautas de minorias sexuais (Leugi & Guerin, 2016), do movimento feminista (Pinheiro & Mizael, 2019), e do antirracismo (Silva et al., 2022).

Tratar da relação entre a ciência do comportamento e variáveis do contexto social exige ainda a explicitação de que o contexto do qual falamos é latino-americano. As especificidades desse contexto frente aos países centrais do sistema capitalista recebem tratamento em diferentes campos de estudo. A teoria marxista da dependência demonstra como a realidade de subdesenvolvimento vivida em nossos países é parte constitutiva do modelo de desenvolvimento do sistema capitalista mundial (Marini, 1969/2013). Isso significa que o modo de vida dos países do norte global só pode se constituir a partir da manutenção de relações de dominação e desigualdade com os outros povos, ao contrário de ser um modelo ao qual todos nos aproximaremos gradativamente. As consequências epistemológicas relacionadas à dependência intelectual e à negação de conhecimentos próprios da nossa realidade são tratadas por movimentos críticos ao colonialismo intelectual e à colonialidade do saber (Escobar, 2007; Fals Borda, 1971; Quijano, 1999). As implicações específicas ao campo da psicologia recebem um tratamento especial sob a influência da psicologia da libertação, em discussões a respeito da necessidade de um conhecimento psicológico orientado a partir da realidade dos povos oprimidos (Martín-Baró, 1986/2006).

O sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1921-2008) é uma referência seminal no debate a respeito da construção de uma ciência latino-americana autônoma e comprometida com as necessidades de seu contexto (Escobar, 2007). A proposta de Fals Borda (1971) se volta à construção de uma ciência própria, conceito que prevê uma combinação entre autonomia intelectual e compromisso-ação (Flores Júnior, 2021). Uma ciência dotada de autonomia intelectual é aquela capaz de contribuir com a construção do conhecimento em uma dimensão universal tendo como base critérios contextualizados às necessidades locais. O compromisso-ação, por sua vez, diz respeito a uma postura de explicitação dos compromissos políticos da própria prática científica como critério de objetividade, e também ao encaminhamento ativo de esforços práticos e teóricos em favor de causas políticas ou grupos sociais devidamente especificados (como, por exemplo, determinada classe, comunidade, ou grupo oprimido). Dadas as condições da dependência intelectual latino-americana, essa ciência seria necessariamente subversiva, ao se orientar à ruptura das condições atuais de seu desenvolvimento e à construção de novas possibilidades de existência.

Construir uma ciência do comportamento dotada de autonomia intelectual e compromisso-ação (ou seja, uma ciência do comportamento própria) envolve a avaliação dos compromissos presentes em nossa prática. Flores Júnior (2021)

conduziu um levantamento focado nas dimensões ético-políticas em publicações nacionais da análise do comportamento, com o objetivo de avaliar suas compatibilidades com o projeto de uma ciência do comportamento própria e subversiva. As análises indicaram que há um potencial crescente para esse projeto, mas que ainda há uma série de desafios com os quais lidar. Alguns exemplos destes desafios podem ser indicados: parece ainda haver certa tendência a um uso excessivo de abstrações que levam à caracterização de questões sociais sem menção às suas dimensões históricas ou às particularidades dos diferentes atores sociais ou conflitos de interesses envolvidos; a menção aos “grandes problemas sociais” frequentemente envolve a citação direta a textos de autoria norte-americana sem uma devida contextualização sócio-histórica; e o tipo de relação a ser estabelecida entre cientistas e os espaços de participação política parece ser ainda uma fonte de incertezas e hesitações.

A proposta de construção de uma psicologia social comportamentalista radical surge, então, como uma forma de lidar com os desafios específicos da inserção política da análise do comportamento no cenário brasileiro. Esse seria um campo específico de pesquisa e ação, voltado às questões que envolvem a interação entre o conhecimento universal a respeito do comportamento dos organismos e os elementos particulares das realidades sócio-históricas. A proposta é favorável ao desenvolvimento de uma ciência do comportamento à brasileira, tal qual discutida por Carrarra e Zilio (2021) em termos de uma universalidade de princípios coadunada à especificidade temática.

As definições do que caracteriza uma psicologia social podem ser diversas. Nossa proposta se volta a uma tradição latino-americana no modo de se conceber este campo de pesquisa e ação: trata-se da psicologia social como campo científico que tem o objetivo de compreender o sujeito “no conjunto das relações sociais que definem concretamente o indivíduo na sociedade em que ele vive” (Lane, 1984/1989, p. 12), de modo historicamente situado.

Afirmamos a possibilidade de uma psicologia social de base comportamentalista radical, mas será que ela já não existe? Poderíamos, por exemplo, assumir como uma psicologia social aqueles projetos em análise do comportamento que lidam com temas considerados de relevância social (ver Fink, 2014). De modo semelhante, poderíamos assumir como uma psicologia social toda a análise do comportamento que se volta à cultura, seja como objeto da análise ou como determinante do comportamento dos indivíduos; de fato, esse é um campo com forte presença na análise do comportamento nacional (Todorov et al., 2021).

Caso assumíssemos que a caracterização de uma psicologia social se dá em função da escolha de temas, no entanto, perderíamos de vista outras questões de grande relevância. Por si só, reivindicar o título de psicologia social não é um fator a ser menosprezado. A aproximação à tradição histórica das psicologias sociais impõe compromissos específicos que dizem respeito às questões, aos temas e às perguntas com as quais a área tem se confrontado ao longo do tempo. Talvez ainda mais importante seja a sinalização a favor de uma maior comunicação da análise do comportamento com o campo geral da psicologia social. Esse poderia ser um

passo favorável na superação de nossa história de isolamento e dificuldades de interlocução com outras comunidades, sejam acadêmicas ou não (Sá, 2016).

Apenas reivindicar o título de uma psicologia social também não seria o suficiente para corresponder ao nosso projeto de uma psicologia social comportamentalista radical. Já houve em diferentes contextos propostas de teorias do sujeito social que não deixaram de levar em conta os princípios derivados dos estudos experimentais sobre o comportamento, como na psicologia social de Silvia Lane (Lane, 1984/1989) e nos behaviorismos sociais de George Herbert Mead (1934/1972) e Arthur Staats (1975). O que nos interessa em específico é a contribuição que este campo é capaz de trazer à análise do comportamento como um todo, como um esforço integrado ao projeto científico analítico-comportamental. Nosso intuito é que uma psicologia social comportamentalista radical informe e seja informada pelos diferentes campos da análise do comportamento (e.g., os campos da pesquisa básica, aplicada ou teórica, áreas como a psicoterapia, a psicologia educacional, organizacional, etc.), favorecendo a produção de conhecimento, mas também a sua apreciação crítica.

Uma continuidade pode ser identificada entre a nossa proposta atual e os esforços empreendidos por Celso Pereira de Sá (e.g., Sá, 1984). A concepção presente na obra do autor diz respeito à psicologia social como um campo científico subsidiário e intermediário às ciências autônomas, como as ciências sociais e à psicologia. O projeto se daria a favor do “desenvolvimento contínuo de um máximo de articulações possíveis entre o behaviorismo skinneriano e as mais significativas investigações e/ou formulações sociológicas, históricas, políticas, antropológicas, econômicas e ecológicas” (Sá, 1984, p. 35). As explicações psicossociais deveriam contar, ao mesmo tempo, com o conhecimento a respeito dos fenômenos comportamentais básicos e as concepções sócio-históricas das ciências sociais.

O projeto de Sá é um legado importante ao demonstrar a possibilidade de uma psicologia social comportamentalista radical. Seu isolamento acadêmico em relação à comunidade nacional de analistas do comportamento, no entanto, impediu que seu projeto se estabelecesse de modo coletivo e contínuo e se firmasse como uma linha de pesquisa (ver Alves, 2021).

A Sociedade e o Indivíduo, o Particular e o Universal

No itinerário apresentado até aqui, defendemos a inserção política da análise do comportamento brasileira como um processo coerente e desejável, mas também afirmamos a necessidade de que esse processo envolva a apreciação crítica de nosso itinerário científico e de seus compromissos. Essa inserção deveria contar com a construção de uma frente de pesquisa e ação que tivesse como foco a relação entre os fenômenos do comportamento de indivíduos e as dimensões históricas e políticas da vida social. Tratamos esse projeto como um campo capaz de informar e ser informado pelas demais áreas de interesse da análise do comportamento. Sob nossas reflexões, a psicologia social comportamentalista radical é um campo ainda em construção, mas com importantes precedentes históricos e com pontos de contato com diferentes empreendimentos na ciência do comportamento (ver Abib,

2016; Alves et al., 2022; Angelo & Bossoli, 2016; Fernandes, 2020; Flores Júnior & Córdova, 2019). Seu escopo tem como cerne uma questão que interessa à ciência do comportamento como um todo, e que, portanto, conta com contribuições das mais diversas: a interação entre análises da sociedade e do indivíduo, em suas dimensões particulares (ou seja, das especificidades e idiosincrasias entre indivíduos, populações e seus contextos e desenvolvimentos históricos) e universais (com alta generalidade, como noções de sistemas, processos, princípios e leis gerais).

A necessidade de uma compreensão contextualizada do trabalho com diferentes populações é constatada e reafirmada entre analistas do comportamento, como é o caso do debate sobre a influência de marcadores de raça, classe, gênero, sexualidade e regionalidade na psicoterapia (e.g., Mizael et al., 2022; Neves et al., 2023; Silveira, 2023). Pautar essas discussões levanta uma série de questões sobre o modo como os conhecimentos sobre os fenômenos comportamentais básicos podem informar o trabalho em contextos diversos, bem como nossas formas de lidar com os conhecimentos sobre a sociedade provenientes de outros modos de fazer teoria e pesquisa.

Uma vez que relações entre questões individuais e sociais ganhem destaque, é compreensível que tendamos a recorrer à classificação de Skinner (1981) a respeito dos níveis de seleção. Trata-se de um modelo explicativo do comportamento humano com base em três diferentes níveis de seleção por consequências com temporalidades distintas: o primeiro nível é a seleção natural (filogênese), o segundo nível é o condicionamento operante (ontogênese), enquanto a seleção das práticas culturais que compõem o nosso ambiente social estaria em um terceiro nível de análise (a cultura). Desse modo, poderíamos supor que a solução às questões que se apresentam seria encontrada na compreensão do terceiro nível de seleção. No entanto, a lacuna à qual as questões nos apontam não terá respostas satisfatórias na interrelação entre processos comportamentais individuais e processos de seleção cultural. Isso ocorre porque a lacuna com qual temos nos confrontado está na relação entre outras dimensões de análise: trata-se da insuficiência do conhecimento em um alto nível de abstração e universalidade frente às necessidades particulares de condições concretas da realidade.

Enquadrar o problema de uma contextualização do conhecimento comportamental às diferentes realidades sócio-históricas como uma questão da díade indivíduo/cultura não garante a consideração das variáveis políticas, históricas e sociais que são de interesse. É plenamente possível falar em processos culturais ou sociais de modo abstrato, focando em processos gerais com certo grau de universalidade a diferentes situações e contextos sócio-históricos. Isso poderia nos dar a entender que estamos tratando do problema que de fato tem sido apontado, enquanto continuamos restritos às nossas abstrações, buscando conhecimentos universais que seguirão alheios às particularidades das populações com quais havíamos proposto nos comprometermos em primeiro lugar.

O campo aqui tratado sob a alcunha de uma psicologia social comportamentalista radical deveria estar voltado às mediações do conhecimento a respeito de indivíduo e sociedade. Ou seja, à forma como devemos operar com o conhecimento científico ao lidar com fenômenos cuja compreensão perpassa questões individuais e

societais. Mas tal proposta exige também o tratamento à mediação entre dimensões particulares e universais desse conhecimento.

A Relação do Particular e do Universal Como Problema Teórico Fundamental

A dimensão política da relação entre particular e universal ganha destaque especialmente nos debates sobre a geopolítica do conhecimento e sobre os marcadores de opressões sociais. As relações com o mundo situadas na perspectiva dos grupos sociais agentes da opressão/exploração tendem a ser vistas como expressões universais e neutras da experiência humana (Bento, 2022; Grosfoguel, 2016): a experiência de homens cisgêneros não teria viés de gênero; a experiência de pessoas brancas não teria viés racial; a experiência de pessoas cisgênero heterossexuais não teria um viés de orientação sexual, e assim por diante. No mundo capitalista contemporâneo, o lugar do particularismo cabe às pessoas oprimidas e exploradas, de modo que a práxis de suas lutas sociais exige o tensionamento da relação entre o particular e o universal.

A questão se impõe às possibilidades de se fazer ciência em países de capitalismo dependente (Fals Borda, 1971). Uma ciência própria exige que a realidade concreta e as suas contingências sejam o ponto de partida da atividade científica. Cientistas dos países hegemônicos do norte global nem sempre precisarão se preocupar com os dilemas entre atender à realidade local e suas particularidades ou produzir um conhecimento universalizável, justamente porque as referências e os critérios do que deveria ser um conhecimento universal já costumam partir de uma realidade semelhante à sua.

A relação entre o particular e o universal também é um problema no campo da ontologia e da epistemologia da ciência. A produção de conhecimento científico pressupõe a possibilidade de intervenção sobre eventos particulares da realidade e, ao mesmo tempo, a contribuição para a compreensão dos fenômenos de maior generalidade, de modo que o conhecimento não seja efetivo apenas para a compreensão das condições originais de sua produção.

Uma perspectiva tradicional considera apenas o particular como concreto, pois somente o individual pode ser percebido sensorialmente. O universal seria visto como uma abstração das semelhanças entre eventos particulares. Uma perspectiva dialética, por sua vez, propõe que não se deve separar um evento particular de suas relações (Ilyenkov, 1960/2008). A relação entre o particular e o universal estaria associada à compreensão do particular como uma manifestação ou um momento de um sistema de relações em desenvolvimento. Desse modo, não deveríamos buscar um conceito que descreva uma abstração de propriedades percebidas entre diferentes eventos particulares, mas sim uma compreensão do desenvolvimento histórico das relações das quais os fenômenos particulares fazem parte, o que seria sua dimensão universal concreta. Em certa medida, o universal concreto é algo particular e bem definido, uma vez que a sua universalidade está na base histórica do desenvolvimento de um todo concreto.

Trazendo tal definição a uma ciência do comportamento, podemos interpretar que analistas do comportamento têm se dedicado ao projeto da construção de

um conhecimento efetivo a respeito das dimensões universais concretas do comportamento. É desejável que o conhecimento produzido no laboratório operante informe a respeito do comportamento dos mais diversos organismos, uma vez que eles se inserem como manifestações particulares de uma mesma história: a história do comportamento. Isto é, dos processos de desenvolvimento do comportamento como um fenômeno particular que emergiu do mundo biológico, passando a se organizar a partir de suas próprias leis (ver Abib, 2007). No entanto, tal conhecimento está sempre comprometido com instâncias particulares, do início ao fim. Conseguimos compreender processos comportamentais de forma geral a partir do estudo do comportamento de indivíduos específicos, e em contextos de pesquisa específicos. Em seguida, o conhecimento universal produzido só terá valor e efetividade uma vez que balize nossa compreensão sobre eventos comportamentais específicos, na interpretação do comportamento acontecendo no mundo.

Com essa interpretação sobre o fazer científico, poderíamos interpretar que a lei do reforçamento operante é um conhecimento universal ou particular? Apenas a conhecemos pela observação de eventos particulares. Com isso, podemos descrever regularidades que seriam dimensões universais da história do comportamento como um todo. A compreensão do reforçamento na realidade, no entanto, apenas se dará com uma análise funcional particularizada à história comportamental de um organismo individual em um dado contexto e período do tempo, jamais por meio de um raciocínio a priori. Em um exemplo muito simples, apenas podemos afirmar que um evento é reforçador se há mudança em alguma dimensão do responder do organismo. Por mais que existam reforçadores primários (selecionados na história da espécie), em um caso particular, a interação entre história filogenética, ontogênica e cultural pode selecionar padrões muito distintos.

A explicação do comportamento em uma perspectiva comportamentalista radical é sempre uma explicação histórica, mas essa história não pode ser unívoca quando tratamos da nossa realidade. Enquanto nossa compreensão da realidade nos exige a passagem constante entre o particular e o universal, não podemos perder de vista que a história do comportamento ainda diz respeito a uma história particular, embora constitua uma complexidade com processos universais. Uma pessoa se comportando no mundo é verdadeiramente uma atualização particular da história do comportamento, no entanto, diversas histórias se interrelacionam na produção dessa ou de qualquer outra situação concreta da realidade.

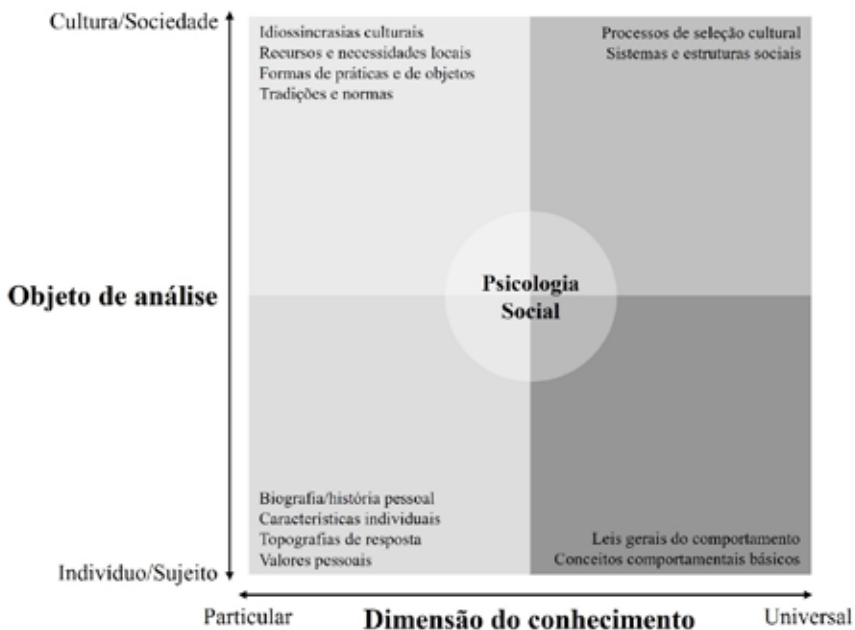
As diferenças no modo de vida no interior do Brasil ou em um grande polo universitário estadunidense se faz por uma série de processos históricos que nunca poderão ser descritos unicamente pelas leis gerais do comportamento e pela compreensão da história do comportamento. As demandas particulares de um caso clínico marcado pela violência racial contra pessoas negras também dizem respeito à história da opressão racial no Brasil. Uma compreensão do comportamento no mundo que ignore as outras histórias que produzem nossa realidade será sempre uma compreensão demasiadamente abstrata, parcial.

Nessa perspectiva, uma psicologia social deve lidar com um espaço de fronteira entre diferentes áreas do conhecimento autônomas, assim como foi defendido por Sá (1984). Isso significa que essa proposta científica não reivindica um objeto de

estudo por si só, se não a inter-relação entre os conhecimentos advindos de outros campos. A Figura 1 sintetiza essa ideia por meio de um diagrama.

Figura 1

Objetos de Análise e Dimensões do Conhecimento de uma Psicologia Social Comportamentalista Radical



No eixo vertical temos o espectro entre diferentes objetos de análise: fenômenos relacionados ao sujeito individual e o seu comportamento, ou fenômenos relacionados à cultura e à sociedade de forma mais ampla. O eixo horizontal distingue os conhecimentos particulares e universais. Combinando os dois eixos, podemos observar no campo superior direito noções universais a respeito de processos culturais (comumente estudados pela análise culturo-comportamental) e de sistemas e estruturas sociais (teorizações comuns a alguns campos da sociologia, por exemplo). Muito da análise experimental do comportamento se encontra no eixo inferior direito, que lida com fenômenos universais do comportamento individual. Psicoterapeutas geralmente estão lidando com questões identificadas no canto inferior esquerdo, que lida com elementos particulares do comportamento de um indivíduo, o que também pode ser do interesse, em outros exemplos, da clínica médica ou da história biográfica. A antropologia cultural é um exemplo de disciplina que lida com a produção de conhecimento situada no eixo superior esquerdo, registrando elementos particulares de uma sociedade, cultura ou grupo;

pesquisas comunitárias, ecológicas ou epidemiológicas também podem se focar neste eixo. Nenhum dos temas citados na Figura 1 diz respeito prioritariamente ao campo da psicologia social. Seu escopo diz respeito aos espaços de fronteira entre os diferentes eixos e a como esses conhecimentos se relacionam para a compreensão da relação entre o comportamento e a realidade sócio-histórica.

Pensemos em uma psicoterapeuta branca que lida com o atendimento de uma cliente amarela, de ascendência nipo-brasileira. Seu escopo de trabalho está voltado para questões particulares da vida de sua cliente, e suas interpretações funcionais deverão levar em conta o conhecimento universal a respeito dos fenômenos comportamentais. Diversas análises funcionais teoricamente corretas poderão ser feitas sem que a profissional esteja sensível a como as contingências vividas pela cliente se situam nesse cenário racial específico, mas as relações raciais inevitavelmente afetarão como as pessoas reagem ao comportamento da cliente em sua vida cotidiana.

No referido exemplo, uma intervenção voltada a um repertório de autoexigência pode ser frustrada sem que se leve em conta a possibilidade de uma alta expectativa dedicada por colegas e professores brancos em função de estereótipos raciais. Teorizações sociológicas, por sua vez, podem explicar como a interação entre raça e classe levou a população nipo-brasileira a receber o estereótipo de uma minoria modelo, cujo lugar de minoria racial é reafirmado como argumento contra o reconhecimento das condições de opressão vividas por outros grupos não-brancos, como pessoas negras ou indígenas (Hayashi, 2023). Sentimentos de não pertencimento da cliente em seus meios sociais podem não ser plenamente compreendidos pela terapeuta, enquanto estudos a respeito dos fluxos migratórios do Século XX nos informam sobre como a identidade racial amarela se constituiu como parte de uma identidade nacional estrangeira dentro do próprio país (Lesser, 2008). Ainda, uma ciência cultura-comportamental que esteja informada por estas questões poderá encontrar modos de investigação de processos culturais gerais ao mesmo tempo em que oferece contribuições para compreensão sobre as particularidades destas questões sócio-históricas, de modo conectado com os problemas que observamos em nossa realidade (ver Tanaka, 2023). Articular esses diferentes conhecimentos é uma tarefa complexa e necessária, e diz respeito ao escopo das contribuições de uma psicologia social.

Uma psicologia social comportamentalista radical se situa em uma área de fronteira entre diferentes áreas do conhecimento, e tem na relação entre o particular e o universal um problema teórico fundamental. Precisamos compreender como nossos conhecimentos sobre o comportamento individual se relacionam com as complexidades das diferentes realidades sócio-históricas. Precisamos avaliar quais critérios, quais compromissos e quais histórias particulares estão orientando aquilo que elaboramos como um conhecimento universal sobre o comportamento. Como parte do projeto integral de uma ciência do comportamento, o campo da psicologia social comportamentalista radical permitiria uma avaliação crítica da efetividade de nosso conhecimento em nossa realidade.

Direções Gerais Para uma Psicologia Social Comportamentalista Radical

A interpretação sobre dimensões teóricas fundamentais de uma psicologia social comportamentalista radical permite uma visão mais estruturada de seus possíveis itinerários de trabalho. Com isso, sugerimos alguns tópicos como direcionamentos gerais à psicologia social comportamentalista radical: (1) a meta-análise crítica permitida por uma psicologia social do comportamento científico; (2) a investigação sobre a formação social da subjetividade; (3) a aproximação aos estudos sociais latino-americanos; e (4) o uso de métodos de pesquisa e ação social em contextos diversos.

Uma contribuição necessária a uma psicologia social comportamentalista radical diz respeito à incursão da análise do comportamento aos estudos sobre a ciência. Se dados metacientíficos já podem ser importantes para a discussão sobre a geopolítica do conhecimento e as tendências políticas e sociais da produção intelectual, investigações que radicalizem as implicações da natureza comportamental da ciência se mostram um caminho igualmente profícuo (Guazi et al., 2021). A investigação científica sobre o comportamento de cientistas pode trazer impactos ao campo da ética, da política e à visão de mundo e sujeito no próprio comportamentalismo radical.

Mais que uma ciência contextualista, o comportamentalismo radical traz contribuições para uma compreensão contextualizada da própria ciência. As trocas entre diferentes disciplinas e de conhecimentos produzidos em diferentes localidades podem ser informadas por essas investigações. Questões sobre compromissos e valores podem ser investigados por meio de métodos diversos que contribuam com a compreensão a respeito das relações que constituem a prática científica. Esse empreendimento permite análises críticas que não incorram no negacionismo e favorece a objetividade científica, no sentido da compreensão das condicionalidades e compromissos da própria ciência.

Um assunto prioritário à construção de uma psicologia social comportamentalista radical seria o da construção social da subjetividade, assumindo o papel da psicologia em pautar investigações sobre o sujeito individual, porém rejeitando posições individualistas ou internalistas. Tal proposição é coerente com as contribuições observadas na análise do comportamento em tratar da subjetividade como um resultado do desenvolvimento histórico do repertório individual em suas relações com a cultura e com as suas comunidades (e.g., Lopes, 2006; Skinner, 1953/2014; Tourinho, 2009). Trata-se de um modo de compreender a formação da subjetividade como um movimento por meio do qual, em um curso histórico, processos universais constituem uma manifestação particular da história do comportamento no repertório de uma pessoa em particular.

Nossa proposta é favorável à ênfase na gênese social da subjetividade, o que envolve especificidades do contexto local. Esse projeto pode orientar conceitos e problemas de pesquisa próprios. Questões sobre a construção da subjetividade dos indivíduos de populações oprimidas ou sobre a relação entre subjetividade e conflito social podem ser contribuições específicas da psicologia social no diálogo político (e.g., Laurenti, 2023; Lopes & Laurenti, 2024). O fortalecimento desse

campo de investigações pode favorecer formas mais concretas de a análise do comportamento colaborar com diferentes populações e movimentos sociais.

Uma psicologia social envolve o contato com conceitos e problemas de pesquisa relacionados a diferentes disciplinas científicas. Isso torna necessária a construção de um campo de investigação plural e a escolha pelo contato com diferentes perspectivas teóricas. Um passo nessa direção é a interlocução com os estudos sociais latino-americanos com um compromisso histórico com as necessidades das maiorias populares da região (e.g., Abib, 2016; Angelo & Bossoli, 2016; Barbosa, 2022; Flores Júnior & Córdova, 2019; Flores Júnior et al., 2021; Nicolodi & Hunziker, 2021). Tal debate pode ser relevante na medida em que compartilhamos histórias, necessidades e um papel semelhante na periferia capitalista. Os problemas enfrentados na construção do compromisso político de uma ciência do comportamento própria não serão totalmente inéditos, e se valer da experiência de diferentes tradições oferece muitas vantagens. A construção de uma ciência do comportamento própria envolve também um esforço de compreensão a respeito de quais outras tradições têm desenvolvido uma autonomia intelectual genuína, nos moldes aqui discutidos. Ainda, as contribuições estrangeiras compatíveis com esses compromissos não devem ser descartadas, desde que haja sempre o trabalho crítico de contextualização.

O contato com o pensamento latino-americano poderá favorecer o tratamento a problemas locais. Como exemplos, podem ser investigadas questões culturais relacionadas à condição de países colonizados e de capitalismo dependente; efeitos das crises políticas brasileiras sobre a subjetividade de indivíduos de diferentes frações da população; ou então elementos da história regional que interfeririam nas demandas do atendimento psicológico em determinado território. São assuntos pertinentes a uma psicologia social, que dependem das contribuições dos estudos sociais sobre a América Latina, o Brasil, e suas diferentes regiões.

O comportamentalismo radical é trazido a esse projeto como compromisso teórico, o que deve ser feito sem uma limitação aos métodos específicos do estudo de fenômenos comportamentais básicos. Assumir uma identidade de comportamentalista radical com base na teoria (e não em um formato metodológico) permite formas alternativas de caracterizar nossos dados, de intervir e de formular perguntas ou problemas de pesquisa (Zilio, 2019). A formação necessária para capacitar analistas do comportamento a operar nesse campo não se encontra na própria disciplina (Leugi & Guerin, 2016). É necessário investigar, aprender, usar, avaliar e repensar métodos de pesquisa e ação ainda incomuns à análise do comportamento. Para isso, devemos acompanhar o desenvolvimento de métodos de pesquisa e ação social filiados a compromissos participativos (ver da Silva & Leugi, 2022; Guerin, 2018). Essa ampliação epistêmica deve acompanhar trocas colaborativas com as comunidades e as populações oprimidas que se apresentam como chave para a identificação dos problemas mais relevantes para a transformação social radical, e que devem ter suas lutas fortalecidas por meio da ação de uma ciência verdadeiramente anti-opressão e libertadora. Dessa construção é que devem sair as perguntas centrais à teorização e à aproximação com outras escolas e disciplinas. Só assim será possível

o desenvolvimento da teoria rumo à complexidade e diversidade das relações comportamentais em nossas realidades sociais.

Considerações Finais

Defendemos que a efetivação de uma ciência do comportamento própria exige a construção de um campo específico de pesquisa e ação, que informe e seja informado pelos demais campos da ciência do comportamento. Nossa proposta interpretativa situa o escopo da psicologia social comportamentalista radical na mediação entre os fenômenos comportamentais individuais e a vida social em suas dimensões históricas e políticas. Rompendo com os limites dos fenômenos básicos e do desenho experimental, a proposta é envolver o comportamentalismo radical no tratamento a outros problemas e objetivos, mais familiares à psicologia social e demais disciplinas que trafegam entre as questões das ciências sociais e o conhecimento próprio da psicologia.

A relação entre dimensões particulares e universais do conhecimento foi apresentada como um problema teórico fundamental. A questão envolve consequências políticas e epistemológicas a respeito de como o nosso conhecimento geral sobre os fenômenos comportamentais se relaciona com as realidades sócio-históricas das quais se origina, e para as quais informa intervenções.

Lidando com a relação entre conhecimentos sobre o comportamento individual e os fenômenos sociais e culturais, a psicologia social comportamentalista radical se caracterizaria como uma ciência de fronteira, que lida com a interface entre diferentes disciplinas, dimensões do conhecimento e objetos de análise. Essa perspectiva nos direciona a uma maior aproximação da ciência do comportamento com outras áreas do conhecimento, indicando um caminho contrário ao isolamento acadêmico de nossa comunidade.

Das formulações teóricas propostas, derivamos sugestões de caminhos de pesquisa e ação. Esses direcionamentos envolvem investigações voltadas ao comportamento científico, de modo a promover uma visão contextualizada da própria produção de conhecimento; a ênfase na construção social da subjetividade, como um tema capaz de balizar nossa compreensão dos sujeitos sociais de modo historicamente situado; a busca de interfaces com o conhecimento disponível a respeito da realidade latino-americana e de nossas particularidades; e o uso de métodos de pesquisa social para lidarmos com o comportamento em contextos diversos.

O projeto de uma psicologia social comportamentalista radical apresenta relevância à produção do conhecimento científico e à participação social de analistas do comportamento. O caminho é favorável a um maior envolvimento do comportamentalismo radical no debate político, por meio do tratamento a questões sociais concretas do cotidiano com foco em aspectos pertencentes ao campo de estudo da psicologia. A relação delineada entre o conhecimento universalizado a respeito dos fenômenos comportamentais e as dimensões particulares das realidades sócio-históricas tem implicações também à construção da autonomia intelectual no contexto local. Seria um modo de favorecer o compromisso com as necessidades

próprias da população local e com a contribuição à ciência do comportamento como um todo, a partir de nossa diversidade e nossas especificidades.

Não se trata de uma empreitada nova. Analistas do comportamento nunca deixaram de se interessar por esses temas, ou de se comprometer com itinerários políticos libertadores. Ainda assim, é necessária a discussão sobre a construção coletiva desse campo, com objetivos específicos e propostas claras. Nosso texto oferece considerações de ordem teórica a respeito da construção de uma psicologia social comportamentalista radical, mas tal proposição apenas fará sentido com o desenvolvimento efetivo do trabalho de pesquisa e ação neste campo.

Referências

- Abib, J. A. D. (2007). *Comportamento e sensibilidade: Vida, prazer e ética*. ESETec.
- Abib, J. A. D. (2016). Cenário de uma revolução psicológica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(esp.), 27-39. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i0.842>
- Alves, R. G. (2021). *Ensaio sobre uma psicologia social comportamentalista radical a partir de Celso Pereira de Sá (1970-1990)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco]. Arquivo digital da Universidade Católica Dom Bosco. <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1037559-ensaio-sobre-uma-psicologia-social-comportamentalista-radical-a-partir-de-celso-pereira-de-sa-alves-2021.pdf>.
- Alves, R. G., Miranda, R. L., & Córdova, L. F. (2022). A produção e a recepção do controle e contracontrole social em James G. Holland e Celso Pereira de Sá. *Acta Comportamentalista*, 30(2), 341-359. <https://doi.org/10.32870/ac.v30i2.82678>
- Angelo, H. V. B. R., & Bissoli, E. B. (2017). Uma proposta de diálogo entre a psicologia social de Silvia Lane e a análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 288-302. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.008>
- Barbosa, D. S. (2022). *Considerações analítico-comportamentais sobre a resistência feminista: Uma interlocução a partir de María Lugones*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório Institucional da Universidade Estadual de Londrina. <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/8969>
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Carrara, K., & Zilio, D. (2021). Universalidade de princípios e especificidade temática: Viabilidade e limites de um comportamentalismo à brasileira. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17, 152-163. <https://doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11011>
- Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo radical: A filosofia e a ciência* (C. E. Cameschi, Trad.). IBAC. (Original publicado em 1994).
- Coletivo Marias & Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento. (2015, 1 de setembro). *Carta de Princípios do Coletivo Feminista Marias & Amélias*

- de Mulheres Analistas do Comportamento*. Facebook. <https://www.facebook.com/739435619517543/posts/744312562363182/>
- Coletivo Vale da Análise do Comportamento. (2023, 13 de maio). *Analistas do Comportamento para pautas LGBTQIAP+*. Medium. <https://medium.com/@coletivovaleac/coletivo-vale-da-an%C3%A1lise-do-comportamento-ecaa72403041>
- da Silva, F. B., & Leugi, G. B. Behavioral community psychology in the Amazon rainforest: Suggestions for when behavior analysts meet alterity. (2022). *Behavior and Social Issues*, 31, 234-251. <https://doi.org/10.1007/s42822-022-00102-5>
- Duran, A. P. (1983). Psicologia social: Entre a microscopia e a macroscopia do social. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 5, 53-61.
- Escobar, A. (2007). Worlds and knowledges otherwise: The Latin American modernity/coloniality research program. *Cultural Studies*, 21(2-3), 179-210. <https://doi.org/10.1080/09502380601162506>
- Fals Borda, O. (1971). *Ciencia propia y colonialismo intelectual* (2ª ed.). Nuestro Tiempo.
- Fernandes, D. M. (2020). *Cultura, economia, educação, governo e política: Um estudo de caso em psicologia social*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional Universidade Estadual Paulista. <http://hdl.handle.net/11449/192102>
- Ferreira, M. C. (2010). A psicologia social contemporânea: Principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 51-64. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500005>
- Fink, J. D. (2014). *O compromisso social dos analistas do comportamento: Caracterização e exame de publicações em periódicos brasileiros da área*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16728>
- Flores Júnior, C. R. (2021). *Possibilidades para uma ciência do comportamento própria: Entre a subversão e o ajustamento social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório Institucional da Universidade Estadual de Londrina. <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/15528>
- Flores Júnior, C. R., & Córdova, L. F. (2019). Por uma práxis social comunitária em análise do comportamento. *Acta Comportamental*, 27(4), 527-540. <https://doi.org/10.32870/ac.v27i4.72030>
- Flores Júnior, C., Barbosa, D., & Laurenti, C. (2021). Autonomia, educação e compromisso social: Convergências ontológicas entre Paulo Freire e o Comportamentalismo Radical. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 207-218. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11016>
- Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: Racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>

- Guazi, T., Laurenti, C., & Córdova, L. (2021). Análise do comportamento como uma psicologia da ciência. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17, 196-206. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11015>
- Guerin, B. (2018). O uso de métodos de pesquisa participativos e não experimentais na análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 248-264. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.09>
- Hayashi, B. N. (2023). *Do perigo amarelo à minoria modelo: A imigração japonesa no pós-guerra brasileiro*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15122023-190149/pt-br.php>
- Holland, J. G. (1974). Are behavioral principles for revolutionaries? In F. S. Keller & E. Ribes-Inesta (Orgs.), *Behavior modification: Applications to education* (pp. 195-208). Academic Press.
- Ilyenkov, E. (2008). *Dialectics of the abstract & the concrete in Marx's Capital* (S. Syrovatkin, Trad.). Aakar. (Original publicado em 1960).
- Lane, S. T. M. (1989). A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia social: O homem em movimento* (8ª ed., pp. 10-19). Brasiliense. (Original publicado em 1984).
- Laurenti, C. (2023). Contributions of a “Brazilianized” radical behaviorist theory of subjectivity to the feminist debate on women. *Social Sciences*, 12(11), 641. <https://doi.org/10.3390/socsci12110641>
- Lesser, J. (2008). *Uma diáspora descontente: Os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica (1960-1980)*. Editora Paz e Terra.
- Leugi, G. B., & Guerin, B. (2016). To spark a social revolution behavior analysts must embrace community-based knowledge. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(esp.), 73-83. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i0.846>
- Lopes, C. E. (2006). *Behaviorismo radical e subjetividade*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4813?show=full>
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2024). A construção política do “eu” no comportamentalismo radical: Opressão, submissão e subversão. *Acta Comportamentalia*, 32(1), 73-91. <https://doi.org/10.32870/ac.v32i1.87867>
- Luna, S. V. (1983). Compromisso social: “Opção” do analista experimental do comportamento ou elemento constituinte da contingência? *Cadernos de Análise do Comportamento*, 1, 13-20. (Original publicado em 1981).
- Marini, R. M. (2013). *Subdesenvolvimento e revolução* (4ª ed.). Insular. (Original publicado em 1969).
- Martín-Baró, I. (2006). Hacia una psicología de la liberación. *Revista Electrónica de Intervención Psicosocial y Psicología Comunitaria*, 1(2), 7-14. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2652421> (Original publicado em 1986).

- Mead, G. H. (1972). *Mind, self, and society from the standpoint of a social behaviorist*. University of Chicago Press. (Original publicado em 1934).
- Mizael, T. M., Dahás, L., & Zamignani, D. R. (2022). Análise do comportamento e direitos das populações socialmente vulneráveis: Em direção a uma prática culturalmente sensível. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(1), 1-6. <https://doi.org/10.18761/VEEMed45614>
- Morrow, J. E. (1978). Dear friend. *Behaviorists for Social Action Journal*, 1. <https://doi.org/10.1007/bf03406111>
- Neves, A. B. V. S., Amorim, V. C., Borba, A., Souza, F., Silveira, J. M., Passos, J. A. F., Nicoldi, L., & Cihon, T. (2023). Manifesto por uma prática clínica socialmente comprometida nas ciências do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2) 053-058. <https://doi.org/10.18761/vecc117122022>
- Nicolodi, L., & Hunziker, M. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: Considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2). <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>
- Pinheiro, R., & Mizael, T. M. (Eds.). (2019). *Debates sobre o feminismo e a análise do comportamento*. Imagine Publicações.
- Quijano, A. (1999). Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Dispositio*, 24(51), 137-148. <http://www.jstor.org/stable/41491587>
- Sá, C. P. (1984). Sobre a fundamentação psicológica da psicologia social e suas implicações para a educação. *Fórum Educacional*, 8(1), 23-44. <https://periodicos.fgv.br/fe/article/view/87571/82384>
- Sá, C. P. (2016). J. G. Holland, contracontrole social e socialização do behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(esp.), 52-60. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i0.844>
- Sandoval, S. (1982). Behaviorismo e as ciências sociais. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 3, 24-29.
- Silva, T. S., Flandoli, B. R. G. X., & Mizael, T. M. (2022). Questões raciais na análise do comportamento: Uma análise preliminar sobre a baixa produção da área. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(1), 371-385. <https://doi.org/10.18761/VEEM.0077.out21>
- Silveira, J. M. (2023). Editorial. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 1-2. <https://doi.org/10.18761/edtvecc798>
- Skinner, B. F. (1971) *Beyond freedom and dignity*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1126/science.7244649><https://doi.org/10.1126/science.7244649>
- Skinner, B. F. (2014). *Science and human behavior*. B. F. Skinner Foundation. (Original publicado em 1953).
- Sociobehavioristas. (2020, 01 de maio). *Um convite à revolução psicológica*. Medium. <https://link.medium.com/uoWmuVUEQLb>
- Staats, A. W. (1975). *Social behaviorism*. Dorsey.
- Tanaka, C. Y. (2023). *Estereótipos e racismo contra amarelos: Identificação e análise por meio da aversão à desigualdade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade

- de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.47.2023.tde-08042024-163554>
- Todorov, J. C., Baia, F. H., Freitas-Lemos, R., Borba, A., de Melo, C. M., & Sampaio, A. A. (2021). A brief history of the behavioral analysis of culture in Brazil. *Behavior and Social Issues, 30*, 397-427. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/s42822-021-00065-z>
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. Paradigma.
- Zilio, D. (2019). O que nos torna analistas do comportamento? A teoria como elemento integrador. *Acta Comportamentalia, 27*(2), 233-249. <https://doi.org/10.32870/ac.v27i2.69862>
- Zilio, D., & Gonçalves, A. (2022). Desfazendo equívocos ultrapassados: Caminhos para estabelecer diálogos frutíferos entre análise do comportamento e psicologia social. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 24*, 1-40. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1638>

(Received: August 6, 2024; Accepted: September 20, 2024)